



A PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE A VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Carolina Francisco Hermenegildo¹
Fernanda Bicalho Pereira²
Alcione Januária Teixeira da Silveira³
fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Sociais e Aplicadas

RESUMO

O relacionamento abusivo é entendido como aquele que possui a violência presente de forma naturalizada e estrutural. Nesse sentido, tal relação é caracterizada como aquela que faz com que o outro perca a liberdade e a espontaneidade em qualquer âmbito através de intimidações e de imposições. Sendo assim, em meio à tanta violência sofrida pela mulher, é necessário pensar em um trabalho interdisciplinar, que crie uma rede de apoio sólida, com assistência física, jurídica, psicológica e social. Sob tal perspectiva, o objetivo da pesquisa em questão foi analisar a percepção das mulheres sobre os relacionamentos abusivos. Assim, o trabalho pode ser entendido como descritivo, de modo que foi desenvolvido em um desenho metodológico qualitativo, englobando a aplicação de questionário. A coleta de dados, por sua vez, foi realizada através da técnica bola de neve e o grupo pesquisado foi constituído por mulheres maiores de 18 anos, de modo que, no total, a pesquisa foi respondida por 199 mulheres. Os resultados apontaram que compreender a percepção das mulheres sobre relacionamentos abusivos é extremamente complexo, mas necessário. Percebemos, ainda, que os relacionamentos das mulheres pesquisadas não apresentaram práticas machistas, opressoras e controladoras. Contudo, no que tange à revisão de literatura, observamos que as diversas violências contra as mulheres se dão a partir da violação de direitos e de liberdades. Desse modo, conclui-se que, quando avaliamos o resultado de nossa pesquisa, não podemos afirmar a existência de relacionamentos abusivos. Entretanto, devemos considerar as respostas afirmativas e incertas das mulheres entrevistadas.

PALAVRAS-CHAVE: Relacionamentos abusivos; violência doméstica; mulheres.

INTRODUÇÃO

¹ Acadêmica 10^o período de Psicologia – Faculdade Vértice

² Psicóloga. Mestre em Saúde e Enfermagem. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó

³ Psicóloga. Mestre em Educação. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó

Atualmente, no Brasil, os relacionamentos abusivos ocorrem com grande frequência, devido, principalmente, a um tipo de romantização do abuso, que faz com que a identificação dessas relações seja muito difícil, pois as pessoas acreditam que tais situações são apenas fases passageiras (OLIVEIRA; ÁVILA; BASTOS; VASCONCELOS, 2016).

Esse tipo de vínculo, contudo, é entendido como aquele que possui a violência presente de forma naturalizada e estrutural (BRASIL, 2020). Sendo assim, geralmente, possuem a dominação e o controle como grande característica. Não obstante, é válido ressaltar que cada indivíduo vivencia o abuso de uma forma, então, nesse viés, a característica central de um relacionamento desse tipo está condicionada à maneira como a vítima e como o agressor vivenciam a situação. (OLIVEIRA, 2014).

Segundo Albertim e Martins (2018), uma união tóxica faz com que o outro perca a liberdade e a espontaneidade, por meio de intimidações e imposições, em qualquer âmbito da vida. Para que isso ocorra, a pessoa abusiva utiliza ferramentas e artimanhas diversas, como o medo, as desconfianças infundidas, a agressividade, a inconsistência emocional, a tristeza, o controle, dentre muitos outros instrumentos de manipulação e de dominação.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2020), em uma pesquisa realizada em 2018, a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil e a cada seis horas e vinte e três minutos uma mulher é morta dentro da própria casa, sendo registrada 38,9% de óbitos de mulheres, totalizando 1.373 dentro de suas residências. Dessa forma, tais dados estatísticos condizem com as práticas de um relacionamento abusivo, que pode ser associado à autoridade excessiva do parceiro em relação à vítima.

Em uma pesquisa, as autoras Soares e Fernandes (2018) constataram que um relacionamento violento pode durar muitos anos, o que pode ser atribuído às diversas dependências existentes na relação, ao medo de morrer, ao medo de ficar sozinha ou à vergonha de revelar o fracasso.

Posto isso, mesmo após tanta luta e progresso pela independência das mulheres, tornam-se possíveis os seguintes questionamentos: por que mulheres ainda permanecem em relacionamentos violentos e abusivos? Existe alguma categoria (classe social, financeira, racial, escolar, idade...) específica de mulheres que são atingidas por essas relações? Essas mulheres conseguem identificar a sua relação como abusiva?

Tendo em vista os apontamentos supracitados, a justificativa para o estudo desse tema advém de uma paixão, um interesse e um “sentir na pele” pelo estudo envolvendo mulheres e tudo que as envolve: tanto as conquistas quanto os retrocessos. Esse artigo vem, então, de uma intenção de estar presente no rompimento desse retrocesso e desse sofrimento que a mulher passa pelo simples e difícil fato de ser mulher. Assim, o que impulsionou esse tema foi a procura de mulheres pelo assunto através de uma página no Instagram, criada com o intuito de levar informação e acolhimento para vítimas de violência.

Diante disso, o objetivo principal da pesquisa é analisar a percepção das mulheres sobre os relacionamentos abusivos. Desataca-se, ainda, a relevância do estudo para a sociedade, já que trabalhos como esse são importantes para dar visibilidade ao assunto, ajudando, assim, na compreensão e na disseminação de informação sobre o tema. Além disso, esse tipo de pesquisa promove reflexões críticas acerca das práticas profissionais e das políticas públicas relacionadas ao impasse.

METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser entendida como qualitativa, do tipo descritiva, uma vez que, para Gil (1999), a pesquisa descritiva tem o objetivo de descrever as características presentes em um fenômeno ou amostra. Sob esse viés, nossa pesquisa foi desenvolvida em um desenho metodológico qualitativo, que englobou a aplicação de um questionário que visava à abordagem dos seguintes eixos: econômico, sócio demográfico, abusivo e relacionamentos íntimos (ARI).

Para o desenvolvimento do estudo, utilizamos dois tipos de questionários: o primeiro é um questionário socioeconômico, criado especificamente para esse trabalho, e o outro é um questionário adaptado, disponível em uma página eletrônica norte-americana chamada “Love is respect”, que produzido por uma ONG com o mesmo nome do site (LOVE IS RESPECT, 2007). Optou pelo uso de questionários porque, conforme Parasuraman (1991), ele é um conjunto de perguntas, criadas para colher dados relevantes com o fito de chegar ao objetivo de um projeto.

Para a geração dos dados, utilizamos a técnica da bola de neve, que, segundo Costa (2018), refere-se a um processo que inicia com a delimitação das características que os participantes devem ter. Após essa delimitação, um grupo inicial é escolhido e, depois de participar do projeto, esse grupo o indica para outras pessoas que se encaixam no perfil da amostra, de modo que o processo se repete, o que gera mais dados. Posto isso, o grupo pesquisado foi composto por mulheres, maiores de 18 anos, que aceitaram participar por vontade própria. Posteriormente, a discussão dos resultados foi feita através da análise do conteúdo obtido.

Em nossa pesquisa, usamos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que informou os participantes sobre todos os detalhes da pesquisa, em especial sobre o anonimato dos sujeitos, e sobre a participação voluntária, podendo a pessoa desistir, a qualquer momento, de participar da pesquisa. Cientes dos riscos que toda pesquisa oferece, tomamos todos os cuidados necessários para que os sujeitos não se sentissem coagidos e para que a pesquisa não afetasse o estado moral, intelectual e psicológico dos envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreender a percepção que as mulheres possuem sobre relacionamentos abusivos é extremamente complexo, ainda mais considerando-se que, segundo as Nações Unidas (1993), a violência contra a mulher pode ser identificada por meio de quaisquer atos violentos, que possam apresentar a possibilidade de provocar danos físicos, sexuais e/ou psicológicos, e por meio de quaisquer ameaças para a prática

das referidas ações, de coerção e/ou de privação da liberdade. Isso posto, a tabela a seguir traz um retrato socioeconômico das 199 mulheres que participaram do estudo e responderam à pesquisa:

Tabela 1: Características sociodemográficas das mulheres participantes da pesquisa

Variável	(%)
Idade	
Entre 18 e 24 anos	40,20%
Entre 25 e 34 anos	40,20%
Entre 35 e 44 anos	13,07%
De 45 anos ou mais	6,53%
Orientação Sexual	
Heterossexual	78,87%
Bissexual	22,11%
Homossexual	2,51%
Outros	0,50%
Escolaridade	
E. Superior Completo	45,23%
E. Superior Incompleto	44,22%
E. Médio Completo	7,54%
E. Médio Incompleto	2,51%
Analfabeta	0,50%
Renda	
Até 1 salário mínimo	29,15%
Até 2 salários mínimos	21,11%
3 a 4 salários mínimos	14,07%
Acima de 5 salários	10,55%
Não possui renda	25,13%

Fonte: Elaborado pelas autoras

A ONU Mulheres (2019), em seu relatório “O Progresso das Mulheres no Mundo 2019-2020: Famílias em um mundo em mudança”, apontou que, da média global das mulheres que sofrem violência no mundo, a maioria se encaixa na faixa etária entre 15 e 49 anos, e que esses abusos são implementados na relação

familiar, muitas vezes, de forma imperceptível e acabam sendo passados de geração para geração.

Sobre esse assunto, Carvalho e Oliveira (2017) descreveram que a relação socioeconômica das mulheres estudadas causa um grande impacto em sua relação afetiva, dado que as mulheres que se tornam dependentes do parceiro ao longo do tempo e acabam abrindo mão de suas vidas profissionais, pela vontade do homem ou por sentirem que devem se dedicar à família, estabelecem um vínculo, além de amoroso, financeiro com seus cônjuges.

Dessa forma, para Rolim e Falcke (2017), a violência instaurada nas relações afetivas possui um caráter sócio histórico-cultural e, com o passar dos anos, tornou-se um problema de instância pública. Nesse sentido, alguns fatores trazidos pelo capitalismo e pelo patriarcado fazem com que essas relações sejam regadas à agressividade e à violação de liberdade e de direitos.

As mulheres, no momento da pesquisa, estavam assim divididas: 29,14% solteiras; 39,19% namorando; 28,14% casadas ou em união estável; 2,21% divorciadas e 1% viúvas. Elas foram orientadas para que pensassem em um relacionamento e 53,26% escolheu responder sobre o parceiro do relacionamento atual e 46,73% sobre um parceiro com quem já se relacionou em algum momento da vida.

Assim, foram realizadas perguntas sobre o parceiro apoiar, incentivar e saber ouvir a mulher. Diante disso, a primeira questão foi direcionada a saber se o parceiro era favorável às coisas que elas faziam: 43,21% disse que sim para resposta, 43,21% respondeu “às vezes” e 13,06% disse que o parceiro não era favorável a esses pontos. Sobre tentar coisas novas: 52,26% afirmou receber incentivo dentro do relacionamento; 30,15% disse que, às vezes, recebiam e 17,58% disse não receber incentivo no relacionamento.

Percebemos que, na maioria, todas tiveram uma resposta positiva, no entanto, quando observada a quantidade de respostas “talvez”, nota-se um número expressivo que deve ser considerado. Nos estudos de Alencar (2019), ele detectou diversos discursos de mulheres em relação à falta de incentivo e de apoio do

parceiro, causando impacto sobre a relação e sobre a autoestima da mulher, caracterizando-se como uma violência psicológica.

No entanto, no que se refere a essa pesquisa, tivemos respostas favoráveis acerca das relações amorosas vivenciadas pelas mulheres. Elas foram questionadas sobre o parceiro ser indesejado pelos amigos e família, sobre dizer que a mulher está envolvida em diferentes atividades, sobre a frequência com que o parceiro envia mensagens e faz ligações, sobre possíveis reclamações sobre o tempo gasto pela mulher para se arrumar, sobre ciúmes excessivos ou possessivos e sobre possíveis acusações de traição. Para todas essas perguntas, houve uma negativa acima de 50% e uma afirmativa abaixo de 30%.

As participantes foram questionadas, ainda, sobre serem controladas, no que tange ao uso de determinadas roupas. Nesse contexto, 62,31% disse que os parceiros não interferem nesse aspecto; 70,4% negou ser impedida de ver e/ou de falar com a família e amigos. Sobre a tentativa de o parceiro controlar o que a mulher faz ou a quem vê, 49,7% disse que não, 26,1% disse “às vezes” e 24,1% disse que o parceiro controla. Considerando o fato de que é importante pensar que o parceiro não possui direito de controlar a mulher, ao analisarmos as respostas “às vezes” e as respostas “não” juntas, obtemos um número considerável.

Logo, é de extrema importância não generalizarmos, já que a pesquisa ocorreu de forma anônima e, aparentemente, sem qualquer risco de exposição para as mulheres pesquisadas. Assim, a expectativa é de que as mulheres tenham sido verdadeiras em suas respostas, pois, como cita Alencar (2019), as mulheres, muitas vezes, são controladas e não percebem.

No que tange às mulheres se sentirem rebaixadas, xingadas e/ou criticadas, tivemos 54,5% das respostas negativas. Já sobre o fato de o parceiro induzi-las a pensar que ninguém se interessaria por elas, caso o relacionamento chegasse ao fim um dia, 61,8% disse que a afirmativa não é verdadeira. Obtivemos, ainda, respostas positivas e mais da metade das mulheres perguntadas disseram não sofrer nenhum tipo de ameaça.

Segundo Agostini *et al.* (2021), a chantagem psicológica e física está intimamente ligada à violência psicológica, de modo que pode ser manifestada contra a vida da parceira ou contra a própria vida do abusador, o que gera medo e insegurança na parceira. Tal argumento se relaciona ao sentimento existente na relação e influencia a parceira a ceder às vontades do abusador.

Quando perguntadas se os parceiros possuem variações de humor constantemente durante a relação, 22,6% relatou que “às vezes” e 32,2% disse que o parceiro possui alterações no humor. Na pergunta sobre o fato de o parceiro fazer com que a companheira se sinta como se não pudesse fazer nada direito e/ou culpá-la por problemas acontecidos, 31,2% disse sim e 20,6% disse que às vezes os parceiros possuem esses comportamentos.

Uma das maneiras da violência psicológica se apresentar é através da vulnerabilidade, da deslegitimação e da culpabilização que o abusador causa na mulher durante a relação. Isso acontece porque, muitas vezes, o abusador não estimula e tira qualquer vontade que a mulher tenha de fazer algo novo ou de continuar realizando alguma atividade (MATEUS, 2020).

Durante as análises, em um primeiro momento, e de acordo com as respostas das mulheres, percebemos que a maioria deles não percebe que está vivenciando um relacionamento abusivo. Contudo, se considerarmos as respostas incertas (referentes à opção “às vezes” do questionário) e as afirmativas.

De acordo com Miller (1999), para um relacionamento se classificar como abusivo, não é necessário passar por todos os tipos de violência. Além disso, o abuso pode sofrer alterações, que variam conforme a personalidade do agressor, a partir do momento que o parceiro viola os direitos e controla, mesmo que minimamente, a vida da mulher.

Em nosso trabalho, as mulheres foram questionadas sobre vivenciarem os seguintes fatores de violência: empurrões, ferimentos físicos, intimidação por meio de quebra e lançamento de objetos diversos, gritos, humilhações públicas e pressão física e/ou psicológica para induzir o ato sexual. Em todas as questões levantadas, as respostas negativas prevalecem: 68%. Nesse contexto, evidencia-se que a



violência física não é presente na maioria dos relacionamentos pesquisados. Contudo, existe uma porcentagem de 32% de respostas afirmativas, um número bastante significativo.

De acordo com o SEJUSP – Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública, em Minas Gerais, no período de janeiro a março de 2021, foram registrados 35,372 mil casos de violência doméstica contra a mulher, cometidos pelo parceiro. Considerando a complexidade para essa descrição, e até mesmo para uma estatística, filtrando, desse modo, a idade, a localidade e relacionando as diferenças culturais, destacamos os 32% das mulheres da tabela 1 que disseram sim e os 27,13% que disseram “às vezes”, quando perguntadas sobre se sentirem pisando em ovos, o que mostra uma maioria se colocando em posição de insegurança, de vulnerabilidade e de, possivelmente, violação de seus direitos.

Sob esse viés, perceber a violência não é um fator tão simples. Em conformidade com Sotero (2017), relacionamentos abusivos são difíceis de serem detectados, já que a violência é, na maioria das vezes, psicológica, silenciosa e está encrostada na sociedade, sendo confundida, quase sempre, com atos e comportamentos de amor.

Devemos ponderar, ainda, a presença cada vez mais forte da violência nos relacionamentos abusivos, sendo essa uma realidade vivenciada em nosso país. Diante disso, é imprescindível considerar as diversas ações e campanhas para que sejam desenvolvidas medidas mais efetivas contra a violência doméstica e a favor da conscientização acerca das relações abusivas (ROSA, BASSAN e PITANGA, 2019). Por fim, não podemos deixar de mencionar a Lei Maria da Penha Brasil (2006), que criou meios para prevenir e punir tipos de violências contra a mulher e que assegura as condições para o direito à vida, além de responsabilizar o poder público pelo desenvolvimento de políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a percepção de mulheres em relacionamentos abusivos nos possibilita ampliar o campo de estudos e, de fato, a percepção para o entendimento sobre esse lugar marcado na sociedade, que é pauta de muitas discussões. Posto isso, o objetivo da nossa pesquisa foi analisar a percepção das mulheres sobre os relacionamentos abusivos em uniões passadas ou presentes. Em um primeiro momento, mediante os resultados obtidos, percebemos que os relacionamentos das mulheres pesquisadas não apresentam práticas machistas, opressoras e controladoras.

No que tange à revisão de literatura, observamos que as diversas violências contra as mulheres se dão a partir da violação de direitos e de liberdades, assim, quando avaliamos o resultado de nossa pesquisa, não podemos afirmar a existência de relacionamentos abusivos, no entanto, devemos considerar as respostas afirmativas e incertas (relacionadas ao “talvez” indicado no questionário). Segundo Saffioti (2015), a construção dos relacionamentos amorosos não consegue surgir limpa e livre de costumes ruins construídos na sociedade ao longo do tempo, então, é necessário desenvolver um olhar atento de ambas as partes para que essas práticas sejam dizimadas.

Deste modo, a pesquisa nos traz questionamentos como: existe relacionamento perfeito e sem abuso? Temos algum nível suportável de abuso em todo relacionamento? Como definir algo tão complexo, no qual as mulheres podem ter opiniões diferentes? Como a sociedade patriarcal ainda cega tantas mulheres no século XXI? A essas questões e a tantas outras que podem surgir, temos um vasto campo para futuras pesquisas e que nos inquietam todos os dias à medida que vamos vivenciando e observando experiências à nossa volta.

Nesse sentido, lembramos Magalhães (2010), que relacionou as uniões amorosas e sua grande complexidade à cultura capitalista e patriarcal, que se instaurou anos atrás e que ainda hoje afeta as classes minoritárias.

Encerramos, então, parafraseando Simone Beauvoir, que diz:

No dia que for possível à mulher amar em sua força e não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para se encontrar, não para se renunciar,

mas para se afirmar, nesse dia o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal (BEAUVOIR, 1980, p. 438)

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, M.D. **Representações Sociais sobre Relacionamento Abusivo**. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/25423/20273>. Acesso em: 14 maio de 2021.

AGUIAR, N. **Patriarcado**. In: FLEURY, E.T. Dicionário feminino da infâmia. Rio de Janeiro, Editora Fundação Oswaldo Cruz. 2015. Acesso em: 10 set. de 2020.

ALBERTIM, R; MARTINS, M. **Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas**. 2018. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0301-1.pdf>. Acesso em: 09 maio 2021

ALENCAR, R.B. de *et al.* **Violência psicológica no casal: gênero, cultura da honra e regulação emocional**. 2019. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7111/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Roberta_Alencar_PPGPSI.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021

ALVES, J.E.D. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 629-638, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000200629&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06 dez. de 2020.

ARENDT, H. **Da violência**. Civilização Brasileira, 1970. Acesso em: 20 ago. 2021.

BARRETTO, R.S. **Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final**. Revista Gênero, Niterói - RJ, v.18, n.2, p. 142-154, 2018. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/1148/501>. Acesso em: 25 fev. de 2021.

BEAUVOIR, S.de. **O Segundo sexo: A experiência vivida**. 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p 438. Acesso em: 05 maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Acesso em: 18 ago. de 2020.

BRASIL. Ministério Público de Santa Catarina. **Violência doméstica – Não se cale!**. Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://www.mpsc.mp.br/campanhas/violencia-contra-mulher>. Acesso em 06 dez. de 2020.

BRASIL. Lei nº. 11.340, de 7 de ago. de 2006. **Lei Maria da Penha**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 06 dez. de 2020.

CABRITA, L.M.S.C.S. **A representação da mulher no pensamento dos filósofos iluministas portugueses**. 2010. Tese de Doutorado. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3708/1/ulfl085086_tm.pdf. Acesso em 06 dez. de 2020.

CARDOSO, F.R; TAVEIRA, A.C.F. As mulheres na sociedade brasileira e o princípio da igualdade. **Novos Direitos**, v. 4, n. 2, p. 53-73, 2017.

CARVALHO, J.R; OLIVEIRA, V.H. **Violência na Gravidez e Transmissão entre Gerações**. 2017. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/11/violencia_domestica_geracoes_out_17.pdf Acesso em: 17 abr. de 2021.

CISNE, M. **Feminismo, Luta de Classes e Consciência Militante Feminista no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, Barbara Regina Lopes. **Bola de neve virtual: o uso das redes sociais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica**. Capa > v. 7, n. 1 (2018). Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649#:~:text=Ao%20construir%20um%20arcabou%C3%A7o%20de,devido%20sua%20natureza%20n%C3%A3o%20probabil%C3%ADstica>. Acesso em 06 dez. de 2020.

FREUD, S. **Por que a guerra?** In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCIA, C.C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IPEA. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2020**. Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/62/atlas-da-violencia-2020-principais-resultados>. Acesso em 06 de dez. de 2020.

KRUG, E.G. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização mundial de saúde (OMS), 2002.



LOVE IS RESPECT. **Relacionamentos Saudáveis.** Disponível em: <https://www.loveisrespect.org/quiz/is-your-relationship-healthy/?%3E>. Acesso em: 10 dez. de 2020.

MAGALHÃES, T. **Violência e abuso:** respostas simples para questões complexas. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2010.

MATEUS, F.J. **Relacionamentos abusivos a um passo do feminicídio no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/relacionamentos-abusivos-a-um-passo-do-femicidio-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 mar. de 2021.

MAZZA, V. **Malala:** a menina mais corajosa do mundo. 1ed. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

MILLER, M.S. **Feridas invisíveis:** Abuso não físico contra mulheres. São Paulo: Summus. 1999.

MINAYO, M. C. de S. **Violência:** um problema para saúde dos brasileiros. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília, DF, 2005. p. 9-41.

OLIVEIRA, G.C.C.D.; PAES, M.S.L. **Violência de gênero contra a mulher:** a vivência deste fenômeno. Revista Enfermagem Integrada – Ipatinga: Unileste, v. 7, n. 1.2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/download/6660/3911/>. Acesso em 06 de dez. de 2020

ONU MULHERES. **PROGRESS OF THE WORLD'S WOMEN 2019–2020 - FAMILIES IN A CHANGING WORLD.** 2019 Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Progress-of-the-worlds-women-2019-2020-en.pdf>. Acesso em: 10 abr. de 2021.

OSÓRIO, A.B. **O que é violência contra mulher?.** 2004. Disponível em: <http://www.ibam.org.br/Viomulher/infore19.html>. Acesso em 26 de nov. de 2020.

PARASURAMAN, A. **Marketing research.** 2ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PORTO, M; BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. **A permanência de mulheres em situações de violência:** considerações de psicólogas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.30, n.3, p.267-276, 2014. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000300004. Acesso em 26 de nov. de 2020.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2009. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/textos/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/?eixo>. Acesso em 24 de nov. de 2020.

RODRIGUES, V.L. **A importância da mulher**. 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ROLIM, K.I; FALCKE, D. **Violência Conjugal, Políticas Públicas e Rede de Atendimento: Percepção de Psicólogos(as)**. Psicologia: ciência e profissão, Brasília, 2017, v.37, n.4. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000400939&script=sci_arttext. Acesso em 27 mar 2020.

ROSA, A.F; BASSAN, Gabriella, N; PITANTA, A.V. **Relacionamentos Abusivos e a Análise do Comportamento**. Centro Universitário UniEvangélica. Anápolis, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/11411/1/RELACIONAMENTOS%20ABUSIVOS%20-NA%20PERSPECTIVA%20DA%20AN%20LISE%20DO%20COMPORTAMENTO.pdf>. Acesso em: 16 abr. de 2021.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SEJUSP. **Violência Contra a Mulher**. 2021. Disponível em: <http://www.seguranca.mg.gov.br/component/gmg/page/3118-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 05 maio de 2021.

SOARES, I.R.R; FERNANDES, S.C.S. **A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 38, n. 94, p. 55-66, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. de 2021.

SOTERO, D. **Relacionamento abusivo pode levar ao feminicídio**, 2017. Disponível em: <https://www.portalodia.com/noticias/politica/relacionamento-abusivo-pode-levar-a-femicidio-308556.html>. Acesso em: 16 fev. de 2021.